

## “Por trás daquele quadro tem vida!” A interpretação de uma atriz sobre a UFS e a arte representada no painel de Jenner Augusto

*Danielle Virginie Santos Guimarães Marinho<sup>1</sup>  
Josefa Eliana Souza<sup>2</sup>*

### *Resumo*

Neste artigo buscamos atribuir sentido a parte da narrativa visual do painel Instrução, Cultura, Ciência e Arte, pintado por Jenner Augusto e entregue à Universidade Federal de Sergipe em 10 de junho de 1980. Entendemos que o painel representa, na metade à direita do observador, a visão do artista sobre a atuação da UFS no campo cultural sergipano naquele período. Optamos pela Semiótica (Peirce, 2015; Santaella, 2012) para fundamentar a leitura da imagem. Entrecruzamos as inferências resultantes da análise com a História (Burke, 2017), e informações obtidas por meio de entrevistas com a atriz Virgínia Lúcia da Fonseca Menezes (Alberti, 1990; Thompson, 1998). Oriunda do Teatro Popular e egressa da UFS, narrou suas lembranças acerca da efervescência no campo das Artes Cênicas em Sergipe (1970-1980) e como a UFS contribuiu para aquele cenário por meio de suas ações de extensão.

Palavras-chave: Universidade Federal de Sergipe, Artes Cênicas, Jenner Augusto.

- 1 Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – PPGED/UFS; Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a História do Ensino Superior – GREPHES/UFS/CNPq.
- 2 Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP; Professora Associada do Departamento de Educação e membro do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS; Lidera o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior GREPHES/UFS/CNPq.



**“Behind that picture there is life!” An actress’ interpretation of Universidade Federal de Sergipe and the art represented on Jenner Augusto’s panel.**

**“¡Detrás de esse cuadro hay vida!” La interpretación de una actriz de Universidade Federal de Sergipe y el arte representado em el panel de Jenner Augusto.**

40



*Abstract*

In this article we try to make sense of the visual narrative part of the Instruction, Culture, Science and Art panel, painted by Jenner Augusto and delivered to of Universidade Federal de Sergipe on June 10, 1980. We understand that the panel represents, in the right half side for the one who is observing it, the artist ‘s view of UFS’ performance in Sergipe cultural field at that time. We opted for Semiotics (Peirce, 2015; Santaella, 2012) to support the understanding of the image. We intersect the inferences resulting from the analysis with History (Burke, 2017) and information obtained through interviews with actress Virginia Lúcia da Fonseca Menezes (Alberti, 1990 e Thompson, 1998). Coming from the Popular Theater and a former student from UFS, she narrated her memories of the effervescence in the field of Performing Arts in Sergipe (1970-1980), and how UFS contributed to that scenario through its extension actions.

Keywords: Federal University of Sergipe, Performing Arts, Jenner Augusto.

*Resumen*

En este artículo tratamos de dar sentido a la parte narrativa visual del panel de Instrucción, Cultura, Ciencia y Arte, pintado por Jenner Augusto y entregado a la Universidade Federal de Sergipe el 10 de junio de 1980. Entendemos que el panel representa, em La mitad derecha del observador, La visión del artista de La actuación de UFS em el campo cultural de Sergipe em ese momento. Optamos por la Semiótica (Peirce, 2015; Santaella, 2012) para apoyar La lectura de La imagen. Intersecamos las inferencias resultantes del análisis com Historia (Burke, 2017) e información obtenida a través de entrevistas com La actriz Virginia Lúcia da Fonseca Menezes (Alberti, 1990 e Thompson, 1998). Proveniente del Teatro Popular y graduado de UFS, narró sus recuerdos de La efervescência em el campo de las artes escénicas em Sergipe (1970-1980) y cómo UFS contribuyó a esse escenario a través de sus acciones de extensión.

Palabras clave: Universidad Federal de Sergipe, Artes escénicas, Jenner Augusto.

Tendemos a acreditar que uma imagem pode predizer fatos. Talvez não haja tanto pecado nisso, desde que não estejamos fazendo ciência. Burke (2017, p.25) nos adverte sobre a potência histórica de uma imagem, para além de seu caráter ilustrativo: “Imagens, assim como textos e testemunhos orais, são uma forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular”. Portanto, devemos perceber uma obra de arte não somente como evidência histórica, mas enxergar sua função na legitimação ou consagração de determinados esquemas ou sistemas.

Joly (1994, p.19) trata do conceito de imagem como uma produção que deve ser lida com atenção, sobretudo, pelo seu potencial de significação: “Instrumento de comunicação, divindade, a imagem assemelha-se ou confunde-se com aquilo que ela representa. Visualmente imitadora, pode tanto enganar como educar. Reflexo, ela pode conduzir ao conhecimento”. Atentas ao conceito de imagem tratado por Joly (1994) nos propusemos compreender histórias da Universidade Federal de Sergipe e, tomamos o painel “Instrução, Cultura, Ciência e Arte”, do pintor sergipano Jenner Augusto<sup>3</sup>, por fonte e objeto de pesquisa. Neste artigo, o painel coadjuva a história<sup>4</sup>, pois suas derivadas nos levam a acontecimentos que querem emergir. (Figura 1).

Dedicamos, assim, esta escrita, a episódios que surgiram a partir das narrativas de uma das atrizes entrevistadas enquanto buscávamos entender a metade do painel que está destinada à cultura e à arte de Sergipe. Seu nome é Virgínia Lúcia da Fonseca Menezes, atriz de teatro desde 1972.

Segundo Thompson (1998, p.255) “[...] naturalmente, não há razão alguma para fazermos uma entrevista, a menos que o informante seja, de algum modo, mais bem informado do que o entrevistador”. Neste sentido, ouvimos e aprendemos sobre as histórias postas, embora tenhamos previamente localizado as prováveis informações, antecipando-nos às fontes históricas que nos permitiram situar “exatamente dentro dos acontecimentos a atuação do informante”. (THOMPSON, 1998, p. 255).

Oriunda do movimento cultural da escola pública secundária sergipana dos anos 1970, Virgínia Lúcia iniciou sua carreira enquanto aluna da antiga Escola Técnica Federal de Sergipe, hoje Instituto Federal de Sergipe. Foi

3 Nascido em Aracaju em 1924, Jenner Augusto aprofundou-se na pesquisa da pintura a partir de referências modernistas, a exemplo de Cândido Portinari, e partiu para estudar em Salvador-Bahia em 1949. E lá permaneceu atuando como pintor, tornando-se reconhecido no campo artístico em nível nacional. É considerado pela crítica especializada (Cf. Pontual, 1974) um dos expoentes da pintura brasileira do século XX. Jenner Augusto morreu em Salvador, em 2005.

4 O painel é objeto de análise da pesquisa de doutoramento intitulada “Instrução, Cultura, Ciência e Arte: a Universidade Federal de Sergipe pelo painel de Jenner Augusto” desenvolvida por Danielle Virgínie Santos Guimarães Marinho, sob orientação da Profa. Dra. Josefa Eliana Souza, no PPGED/UFS.



uma das fundadoras do grupo teatral *Imbuaça*<sup>5</sup> e personagem fundamental para a promoção do teatro popular sergipano. Durante a entrevista, a atriz descreveu, com contornos nítidos, as imagens de suas recordações das artes cênicas em Sergipe no final dos anos 1970, início dos anos 1980.

O teatro entrou em minha vida em Salvador, num colégio na Cidade Baixa, quando fiz *Pluft, o Fantasminha*. Eu era *Pirata*. Foi o meu primeiro papel transgênero. Depois venho para Aracaju e ingresso no grupo da Escola Técnica. Fui substituída da atriz principal, que era muito saudável, que não ficou doente. Eu não entrei na peça, mas tive contato com esse universo. (MENEZES, 2020).

Além de atuar, Virgínia Lúcia escreve, dirige, cria figurinos e é professora de Arte da rede pública estadual de ensino. Nascida na Bahia, em 1958, teve sua trajetória reconhecida pela Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe em 05 de dezembro de 2016, quando recebeu o título de Cidadã Sergipana. Na ocasião, Virgínia Lúcia proferiu um discurso, no qual refletiu sobre sua história passada, a vida atual e a incerteza diante do futuro.

Quando penso na minha história e de tanta gente brava que sofreu com a ditadura, que foi vítima da tortura, nunca pensei que veria um replay tão cedo de um temor como esse. Nunca pensei que estaríamos tão cedo enfrentando um não ser, um não saber, um não ter aonde ir. [...]. Agora vamos ter que desenferrujar as armaduras e cair outra vez em campo de batalha. Vamos ter que passar pelos mesmos lugares. E se passar pelos mesmos lugares por onde passei, estarei aqui, firme, em posição de sentido para ir de novo para a rua, para apanhar outra vez da polícia, tudo pela liberdade, tudo pelo povo: pelos que estão aqui e pelos que virão. (MENEZES, 2016).

Sua trajetória artística é marcada pela forte carga política que imprime às personagens que interpreta ou cria, em um ativismo que transcende à carreira e não dissocia autor e obra, pois um se nutre do outro, como destaca Eco (2016). Extensa seria uma aventura biográfica sobre Virgínia Lúcia. Destarte, destacamos atuações decisivas para a projeção da atriz no campo das artes cênicas em Sergipe.

Além da produção teatral, Virgínia Lúcia contribuiu para a pesquisa sobre o Teatro em Sergipe quando publicou em 1986 o livro “*Levantamento das Manifestações Teatrais em Laranjeiras-Sergipe*”, considerado referência para os estudos no campo da história das artes cênicas neste Estado. Após atuar no Grupo *Imbuaça*, Virgínia Lúcia foi uma das fundadoras do Grupo Teatral *Mambembe*, em 1983, do qual fez a direção teatral até seu término em 1999.

5 Grupo de teatro sergipano, referência do Teatro de Rua no Brasil, fundado em 28 de agosto de 1977. Sobre o Grupo, cf.: AMARAL, 2008.

Virgínia Lúcia de Menezes é mesmo uma artista que traz em sua trajetória o embate contra o poder mistificador do discurso verticalizado que a luta de classes vai revelar na relação entre os indivíduos. Porque seu teatro revela, principalmente, o mundo social, o mundo do trabalho e a exploração capitalista. (BENEVIDES, 2015, p. 198).

Na investigação do passado, os pesquisadores se servem de vários recursos em busca da memória daquilo que aconteceu em tempos distantes ou recentes. Em meio a esses recursos, a técnica da entrevista tem sido largamente utilizada. Rememorar o passado produz um movimento em busca das lembranças agradáveis, desagradáveis, tristes ou alegres, afetivas ou violentas (Alberti, 1990).

Em meio às lembranças sobre o início de sua carreira nos anos 1970, Virgínia Lúcia apresenta a Universidade Federal de Sergipe como um relevante espaço de projeção e ebulição cultural, que proporcionou formações e intercâmbios para os artistas sergipanos e promoveu o diálogo entre este estado e o que havia de mais moderno na pesquisa e profissionalização em arte no Brasil. Mostramos para Virgínia Lúcia uma reprodução do painel de Jenner Augusto “Instrução, Cultura, Ciência e Arte”. A atriz suspirou fundo e exclamou:

Por trás desse quadro tem vida! Essa obra de Jenner, ela traz uma efervescência e uma presença da Universidade... Aqui está o Festival de Arte, aqui está o Coral, aqui está a Dança, aqui está o São Gonçalo, o Coral Expressionista. Está todo mundo aí. (MENEZES, 2020).

O painel em questão está em destaque no hall da reitoria da UFS desde 10 de junho de 1980. O “Jornal de Sergipe” de 11 de junho de 1980 narra que a entrega do painel se deu em cerimônia concorrida. Estiveram presentes Jenner Augusto e o então Magnífico Reitor José Aloísio de Campos (1976-1980). Na ocasião, o pintor fez um discurso no qual explicou detalhes da obra:

Para tão grandioso empreendimento, selecionei os melhores e adequados materiais importados [...] o tema foi discutido, aceito e elaborado contando com plena liberdade de criação, sem qualquer imposição. [...] minha proposta tem início na linha do horizonte da Barra dos Coqueiros. Linha esta que se tornou a constante da minha pintura, razão pela qual considero muito mais minha do que da própria natureza. No painel ela percorre a tela do início ao fim. É uma imensa linha de vasto coqueiral que se faz representar através do verde e amarelo simbolizado em plenos abstratos. (Jornal de Sergipe, 11/06/1980, p. 10).

Naquele ano a Universidade foi instalada no Campus de São Cristóvão, mais tarde denominada “Cidade Universitária Professor José Aloísio de



Campos”. Aliás, o Prof. Aloísio de Campos foi um dos personagens mais atuantes pela grande mudança para o local onde, de maneira gradativa, foram reunidas as faculdades isoladas e os novos cursos criados. Contudo, a tarefa de fazer a UFS funcionar no Campus de São Cristóvão não foi algo tão simples. Houve protestos por parte de alunos, professores, servidores e de diversos setores contrários à nova e inóspita instalação.

Sobre a repercussão disso... Foi muito triste porque nós queríamos esse Campus em Aracaju, não somente pela distância, mas porque havia um ethos cultural na cidade e nós não entendíamos o porquê de termos que ir para “os cajueiros”. Nós nos erguemos contra a frieza da UFS. O Centro de Humanas, onde hoje fica o IPES, era muito aconchegante. (MEZES, 2020).

44



O Campus foi construído nas terras da antiga Fazenda Santa Cruz, no município de São Cristóvão, após estudos feitos durante o reitorado de Luiz Bispo (1972-1976), pela Consultec – Consultoria Técnica da UFS, de acordo com Souza (2015, p.111). Ainda segundo Souza (2015, p. 114) “as notícias veiculadas nos jornais dão conta de que os órgãos de imprensa acompanhavam sistematicamente o desenrolar das obras, de modo que a população sergipana ficava informada sobre qual prédio era erguido”.

Mas não era apenas sobre a construção dos prédios que a sociedade sergipana sabia. Como a imprensa estava construindo a representação social da UFS para o grande público, ela destacava os desdobramentos dos acontecimentos que envolviam a grande mudança em enredos e narrativas que contribuíam para a formação do imaginário popular sobre a UFS. A “Gazeta de Sergipe” de 06 de julho de 1980 descreveu na “Coluna Informe GS”, a celeuma em que uma reunião, com o objetivo de informar sobre a mudança definitiva para o Campus, se transformou:

Tudo isso aconteceu numa reunião do Magnífico Reitor da Universidade Federal de Sergipe, com a participação da Pró-Reitoria e Professores. O assunto da reunião era a transferência agora no segundo semestre das aulas para o Campus Universitário e sua inauguração no próximo dia 1º de agosto.

A reunião esquentou, e, as discussões chegaram a um ponto, que uma professora desmaiou, e, o vice-reitor Nestor Piva, acompanhado do Pró-Reitor Fernando Lins, renunciaram aos cargos que ocupam. Diante da crise, o Dr. Aloísio Campos, não suportou e chorou copiosamente. Depois de tudo isso, uma coisa ficou acertada: a inauguração foi adiada “sine-die”. (Gazeta de Sergipe, 06/07/1980, p. 4).

A reunião aparentemente conturbada fez com que o Prof. Aloísio de Campos fosse em público para explicar melhor o que havia ocorrido. A própria “Gazeta de Sergipe” publicou, no mesmo número supracitado,

uma entrevista intitulada “Aloísio esclarece questões universitárias”. Para tal entrevista caberia outro artigo. Isto porque nela foram abordados pontos teoricamente elucidativos, referentes aos questionamentos mais frequentes sobre a mudança para o novo Campus.

Em linhas gerais, na entrevista, há indícios de que o apoio que faltava de parte da população e da comunidade acadêmica, sobrava por parte de autoridades representativas e órgãos governamentais do Estado e do Brasil. O Prof. Aloísio de Campos estava no final de seu mandato como reitor e a entrevista foi uma oportunidade de exposição das realizações de sua gestão.

Segundo o Prof. Aloísio de Campos, a construção do Campus, iniciada durante o reitorado de Luiz Bispo, com a construção do prédio de Administração e da piscina para as aulas de Educação Física, era inevitável, dentre outros motivos, pelo iminente crescimento da oferta de cursos da UFS e aumento do número de vagas, resultantes do apelo da população sergipana.

Assim, o Prof. Aloísio de Campos discorreu, ao longo da entrevista, em tom de autopromoção, sobre a ampliação da quantidade de vagas no vestibular, ao passo que defendeu a estruturação das vagas e cursos já existentes; sobre o aumento do número de alunos durante a sua gestão; sobre o projeto de interiorização com a instalação de cursos superiores em Estância, Lagarto, Itabaiana e Propriá; a construção de um centro comunitário, creche e lojinhas de artesanato; sobre o Hospital Universitário e a implantação do curso de Direito Noturno.

Contudo, uma questão específica nos chamou a atenção:

GS - O senhor poderia dizer o que existe de positivo para a aquisição da fábrica São Gonçalo, na cidade de São Cristóvão, pertencente ao Grupo Votorantim e o que a UFS pretende fazer?

R – Estão bem adiantados os entendimentos que vimos mantendo com os diretores do grupo Ermírio de Moraes para a aquisição do acervo (prédios e terrenos) da Fábrica São Gonçalo, localizada nas proximidades de São Cristóvão para ali melhor instalarmos os novos permanentes cursos de arte e serviços de apoio ao FASC. (Gazeta de Sergipe, 06/07/1980, p. 6).

Em meio a esse conturbado período de aceleração para a conclusão das obras, pois o Prof. Aloísio de Campos findaria seu reitorado em agosto de 1980 e pretendia (e assim o fez) inaugurar o Campus em sua gestão, a arte entrou em cena protagonizando um ato relevante: a fixação do painel de Jenner Augusto no hall da reitoria – concebido após um pedido do Reitor – representando uma UFS grandiosa, da qual todo sergipano deveria ufanar-se. Consideramos que, muito mais do que uma peça estética, o



painel representou, naquele momento, a força da arte em sua função histórica de contribuir para a construção da imagem da UFS.

À luz da semiótica peirciana, buscamos compreender o significado do painel, desde o convite feito pelo Prof. Aloísio de Campos a Jenner Augusto, até a narrativa visual construída pelo pintor naquelas três telas<sup>6</sup>. Por isso, cabe perguntar: O que o artista quis nos dizer com suas escolhas elementares? Que universidade era aquela decodificada pelos seus olhos, cores e pinceladas? Temos trabalhado para conhecer as respostas. No entanto, algumas já têm se revelado...

Em linhas gerais, a semiótica é definida por Peirce (2005, p. 46) como a “quase-necessária ou formal doutrina dos signos”. Dessa forma, buscamos entender ou aproximar-nos do processo de produção do sentido atribuído por Jenner Augusto na sua representação da UFS, ao passo que consideramos que o painel foi um dos elementos para a consolidação da imagem da UFS que o Prof. Aloísio de Campos quis passar à sociedade sergipana.

Em acordo com Joly (1994, p.43), compreendemos que “[...] abordar ou estudar certos fenômenos sob seu aspecto semiótico é considerar o seu modo de produção de sentido, por outras palavras, a maneira como eles suscitam significados, ou seja, interpretações”. Entendemos, portanto, o painel como representação. Destarte, de acordo com Joly, (1994, p.44),

É preciso não esquecer, com efeito, que se toda imagem é representação, tal implica que ela utilize necessariamente regras de construção. Se estas representações são compreendidas por outros que não aqueles que as fabricam, é porque existe entre elas um mínimo de convenção sociocultural, por outras palavras, que elas devem grande parte de sua significação ao seu aspecto de símbolo, segundo a definição de Peirce. É ao permitir-nos estudar esta articulação da imagem entre semelhança, vestígio e convenção isto é, entre ícone, índice e símbolo, que a teoria semiótica nos permite perceber não apenas a complexidade, mas também a força da comunicação pela imagem.

Estabelecemos essa comunicação quando olhamos o painel. Imediatamente, a impressão primeira é de que trata de um espaço lotado de figuras. Há uma profusão de ícones se revelando em uma superfície que atualmente

6 O painel foi pintado em Salvador-BA, onde Jenner Augusto residia, e foi trazido para Sergipe. É composto por três telas dispostas em junção.

7 Assim explica Peirce (2015, p. 46): “Um signo ou *representâmen* é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado, denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto”. Destarte, para exemplificar, pensemos em uma maçã: o desenho de uma maçã, embora represente uma maçã, não é uma maçã (fruto).



se projeta em tons suaves, numa paleta de cores que nossos olhos reconhecem de maneira harmoniosa e agradável, ligando azuis, verdes-claros, pastéis e fortes contornos escuros. Essa impressão inicial está na ideia de *primeiridade*, que segundo Santaella (2012) é qualidade de sentimento, impressão primeira das coisas antes de serem por nós decodificadas.

Em um segundo momento de observação, reconhecemos os ícones e passamos à fase indiciária. É da UFS que se trata. É a história da UFS que ali se projeta. Mas para percebermos isso, dividimos o painel em sete cenas a partir da forma como os ícones estão agrupados e do nosso conhecimento sobre o tema, que indicam essa hipótese. São elas: 1. A estudante; 2. Os Intelectuais Sergipanos; 3. A formatura; 4. Os cirurgiões; 5. O Teatro; 6. A Dança; 7. O Coral Universitário.

Ao olhar o painel com mais atenção, concluímos que Jenner Augusto equilibrou os elementos que representam a instrução e a ciência em uma metade – a esquerda do espectador – como elementos que representam a arte e a cultura na outra metade – direita do espectador.

Quando foi fundada, em 1968, a UFS, segundo Souza (2015), reuniu as Faculdades de Direito, Ciências Econômicas, Faculdade de Medicina, Escola de Química, Faculdade Católica de Filosofia e o Colégio de Aplicação. Em 1980, os cursos de

Odontologia, Administração, Ciências Contábeis, Engenharia Química e Licenciatura em Química, Física, Matemática e Ciências Biológicas, bem como Educação Física, Engenharia Civil e Enfermagem, dentre outras licenciaturas curtas compunham a UFS. (SOUZA, 2015, p. 107-108).

Jenner Augusto compõe sua narrativa visual, visivelmente baseado pela organização da UFS naquele momento. Quando observamos o painel, percebemos que ele certamente estudou seu tema. Destarte, descrevemos as sete cenas que citamos há linhas: A *estudante* traz a representação figurativa de uma jovem do sexo feminino vestindo uniforme escolar. Nas mãos ela tem um bambolê que emoldura três figuras masculinas. São os *intelectuais* “Tobias Barreto, expoente do Direito, da Literatura e das Artes; Antônio Tavares Bragança, representante da Ciência e da Pesquisa em Sergipe; e Augusto Leite, estudioso da Medicina e da Cirurgia”. (SANTANA, 2015, p. 384).

Inferimos que a escolha por esses intelectuais se justifica pela simbolização do ápice do conhecimento – um status alcançado por quem constrói sua trajetória também trilhando os caminhos do ensino superior. Certamente essas personalidades não foram representadas por motivos aleatórios. Conforme Burke (2017, p. 44) “sejam eles pintados ou fotografados, os retratos registram não tanto a realidade social, mas ilusões sociais, não a vida comum, mas performances especiais”.



A *formatura*, cena quase central, é ilustrada por duas fileiras de formandos, sentados, vestindo as habituais becas. Na cena seguinte, já graduados, profissionais da saúde, enfermeiros e *cirurgiões*, conduzem uma cirurgia. No lado esquerdo do painel, dedicado à ciência, Jenner Augusto dispôs elementos que remetem ao progresso e ao crescimento econômico sergipano. Dentre eles, observamos a chaminé que expele a fumaça e os “cavalos”, como são conhecidas as torres extratoras de petróleo, que aparecem logo atrás dos intelectuais; o pastoril e o céu, segundo Santana (2015, p. 384), representam o lirismo sergipano.

Uma predominância geométrica une toda a narrativa visual, do acabamento das roupas, às linhas que direcionam o quadro. Existe uma delimitação proposital do espaço, ritmando o olhar do espectador que percorre uma espécie de labirinto, metaforicamente falando, tal como o percorrido para se atingir o conhecimento.

Na segunda metade do painel, arte e cultura estão presentes, representadas pela, talvez, mais enigmática figura da obra: a personagem em traje que sugere alguma manifestação religiosa ou de cultura popular, representando, segundo Jenner Augusto<sup>8</sup>, o *Teatro*, que estende seu braço azulado em direção à dupla que se apresenta em uma espécie de balé moderno, à frente do *coro* que forma a última cena do percurso.

Ao fundo das representações aparece uma igreja, similar aos exemplos arquitetônicos encontrados pelo interior sergipano, e a linha que reproduz a vista da “Rua da Frente”, direcionando à interpretação simbólica de que aponta para a Barra dos Coqueiros, bem como elementos geométricos espalhados por toda área. A aplicação formal que encerra o quadro difere da inicial, evocando desproporções propositais e descontinuidades visuais evidentes. Porém, de antemão cabe a defesa a partir do que nos diz Burke (2017, p.28): “Independente de sua qualidade estética, qualquer imagem pode servir como evidência histórica”.

É justamente na parte do quadro relacionada à arte e cultura, que observamos uma maior liberdade na condução do pincel por Jenner Augusto. É neste momento da interpretação que inferimos e confrontamos desconfianças com fontes históricas e memórias. Sobre a intenção do autor, é necessário reconhecer que este é um problema que não é exclusivo da produção de uma imagem. A relação autor-obra-público é discutida em amplos campos e a compreensão da intenção requer igual esforço em qualquer desses espaços.

8 Jenner Augusto escreveu uma carta para o Prof. Aloisio de Campos explicando a pintura. O insucesso da tentativa de localizar o documento nos arquivos da UFS, levou-nos à consulta da transcrição contida na publicação comemorativa da década de fundação da Sociedade Semear, cuja Galeria recebe o nome do referido pintor. Cf.: Britto & Fernandes (2011, p.116).

Mas se persistirmos no impedimento de interpretar uma obra sob o pretexto de não termos a certeza de que o que compreendemos corresponde às intenções do autor, melhor seria deixar imediatamente de ler ou de observar todas e quaisquer imagens. Acerca do que o autor quis dizer, ninguém sabe nada; o próprio autor não domina toda a significação da mensagem que produziu; não é também o outro, não viveu na mesma época, nem no mesmo país, não tem as mesmas expectativas... Interpretar e analisar uma mensagem, em determinadas circunstâncias, provoca aqui e agora, tentando destrinçar o que é pessoal do que é coletivo” (JOLY, 1994, p. 48).

Assim sendo, entendemos que a presença das artes cênicas em metade do painel de Jenner Augusto se justifica pela forte atuação da UFS nesse campo, sendo foco de produção e formação naquele momento. A UFS àquela altura não dispunha de graduação em arte, mas estava diretamente envolvida na promoção de movimentos artísticos, ofertava cursos de teatro e era reconhecida como impulsionadora e mediadora cultural.

Dentre as ações promovidas pela UFS que contribuíram para a consolidação do campo artístico sergipano, a realização do Festival de Arte de São Cristovão desponta como a mais significativa desde a sua criação. Segundo Subrinho (2008, p. 07),

O FASC inaugurou a Extensão na UFS e ensinou-lhe a buscar parcerias, a integrar-se com várias instâncias do poder público e da iniciativa privada, a buscar, portanto, a interação com a sociedade e a projeção do fazer dos sergipanos no cenário regional e nacional. O FASC tornou-se uma referência no calendário cultural para artistas e grupos de todo o país, proporcionando oportunidades de intercâmbio de experiências nos mais diversos campos de expressão artística e cultural.

O FASC como política cultural e uma das mais importantes ações de extensão da UFS foi estudado por Santos (2015) que se dedicou a entender o festival em tempos ambíguos para a educação superior no Brasil. Sobre essa ambiguidade, Motta (2014, s/p) questiona:

Como explicar o paradoxo de uma ditadura anticomunista que permitiu a contratação de professores marxistas e manteve comunistas em seus cargos públicos, enquanto outros eram barrados e demitidos? Como foi possível, no mesmo contexto, o marxismo ter ampliado sua influência e circulação nas universidades?

Mais adiante, o autor aponta a cooptação de intelectuais adversários no campo ideológico dos ditadores como uma estratégia, com vistas a amortecer a resistência, bem como a atuação de intelectuais moderados que buscavam diminuir o impacto das forças repressivas que invadiam e promoviam a violência nos campi,



[...] para não mencionar os membros da comunidade universitária presos, torturados e mortos. Ainda assim, nas universidades, muitas vezes as vozes moderadas prevaleceram, e os atos repressivos foram temperados com negociação e tentativas de cooptação. (MOTTA, 2014, s/p)

A reflexão apresentada por Motta (2014) pode ser percebida na narrativa de Virgínia Lúcia:

A nossa relação com a Universidade fortaleceu nossa participação em movimentos contra a censura, pela anistia... E a UFS muito junto com a gente nisso. Embora, isso não queira dizer que aquela gestão da UFS fosse uma gestão não conservadora. A gestão era composta por uma elite permissiva e que não nos censurava. Era José Aloísio de Campos e Clodoaldo de Alencar. Contra Aloísio de Campos fizemos várias greves... Clodoaldo nós enterramos várias vezes na praça. Aloísio enfrentou várias greves nossas quando decidiu mudar o campus. (MENEZES, 2020).



Prosseguindo em suas lembranças, Virgínia Lúcia observa que em momentos de repressão surgem movimentos culturais fortes e representativos como ações de liberdade e de identidade dos que foram subsumidos. Em sua vivência enquanto aluna da UFS, destaca o contato que teve com a Prof<sup>a</sup>. Aglaé Fontes, a quem alude como referência no campo teatral e que também esteve sujeita às ações dos censores. Segundo Benevides (2015, p. 335), o Grupo Teatral Expressionista, criado pela Prof<sup>a</sup>. Aglaé Fontes, montou a peça “*Brefaias*, em 1976, que teve texto censurado pela ditadura militar” além de “[...] *Borandá*, escrito em 1966 e que foi considerada pela censura federal um texto subversivo”.

A atuação docente da Prof<sup>a</sup>. Aglaé Fontes foi decisiva, segundo Benevides (2015) para o surgimento de grupos teatrais, a exemplo do Mamulengo de Cheiroso, grupo teatral de bonecos que surgiu após uma vivência nas aulas da disciplina Psicologia da Educação, ministrada pela Prof<sup>a</sup>. Aglaé Fontes, em 1978.

Não há como falar do teatro sergipano no período abordado por este artigo sem falar em Prof<sup>a</sup>. Aglaé Fontes. Ela esteve diretamente ligada à criação de grupos de teatro na UFS, a exemplo do Grupo Expressionista<sup>9</sup> e Teatro Experimental da UFS, bem como na promoção de cursos para atores e estudantes, na pesquisa e organização que culminou no FASC, bem como em seus desdobramentos.

9 Sobre o Grupo Expressionista, Benevides (2015, p. 124) traz a entrevista feita com a Prof<sup>a</sup>. Aglaé Fontes que afirmou ser aquele “uma mistura de teatro com jogralasca”. Segundo Benevides (2015) a Prof<sup>a</sup>. Aglaé Fontes recorda que o grupo expressionista trabalhava com a encenação de temas regionais. O grupo era dirigido por Clodoaldo de Alencar, que na época era vice-reitor da UFS.

Segundo Benevides (2015, p. 345) a UFS foi palco de diversas realizações culturais na década de 1970. “Uma primeira ação Universitária foi a criação do Grupo Teatral Expressionista, [...] que se desenvolveu no âmbito da UFS, sob a direção cênica de Alencar Filho [...]”.

Nos anos 1970, indica Benevides (2015, p.152) que

[...] existiam diversos grupos teatrais, a exemplo do Grupo Experimental da UFS, Grupo Opinião, Expressionista, entre outros. A UFS e a Sociedade de Cultura Artística de Sergipe exerciam papel fundamental no desenvolvimento das artes cênicas no estado”.

A Sociedade de Cultura Artística de Sergipe – SCAS, mencionada por Benevides (2015), foi fundada em maio de 1951. “Felte Bezerra ajudou a fundar a SCAS, em 1951, [...] procurando difundir entre os sergipanos o gosto pelas artes e, particularmente, pela música erudita”. (DANTAS, 2009, p. 242). Foi diretor da SCAS desde sua fundação até 1960, quando foi sucedido por José Carlos Teixeira (1961-1963). Intelectual que legou contribuições às Ciências Sociais, História, Cultura Sergipana, dentre outros campos, Felte Bezerra esteve à frente de momentos importantes na formação de uma cultura artística neste estado.

Cruz (2012) analisa aspectos do Teatro Cultura Artística em Sergipe<sup>10</sup>, com base em documentos da SCAS existentes no Arquivo Público do Estado e aponta que na segunda metade do século XX no Brasil, surgiram sociedades culturais mantidas por associados, patrocinadores ou investimentos públicos e que estas se tornaram apoiadoras fundamentais da cultura nos locais em que existiam. Cruz (2012) assinala que a SCAS tornou-se referência no ambiente cultural sergipano nos anos de 1950 e 1960 e que além de promover a agitação artística do período, por meio da realização de eventos teatrais e musicais, dialogou com o meio universitário, a fim de proporcionar o acesso à arte ao público jovem:

As platéias da SCAS eram formadas por parcelas distintas da população aracajuana. Em especial, era possível perceber nestas platéias o reflexo do ambiente cultural que então se desencadeava na cidade a partir da criação, nos anos 50 e 60, das seis primeiras faculdades isoladas de Sergipe que logo iriam construir, em 1968, a Universidade Federal de Sergipe. A SCAS ainda possibilitava a entrada franca para estudantes secundaristas, e meia-entrada para os universitários, o que contribuiu para formar o gosto pela arte entre o público jovem. (CRUZ, 2012, s/p).

10 Em 1959 a SCAS deu um passo para a ampliação de sua força no campo artístico, com a criação do Teatro da Cultura Artística de Sergipe – TECA. Destaque-se aqui que diante da inexistência de uma Secretaria de Cultura ou outros órgãos oficiais em Sergipe (BENEVIDES, 2015, pp. 116-117) a SCAS fazia as vezes de “condutora do movimento cultural da cidade”.



O protagonismo da SCAS na promoção da cultura sergipana avançou durante os anos 1960 e 1970, e ainda conforme Cruz (2012), a “SCAS no campo das artes, e as instituições de ensino superior, no campo do conhecimento, fomentaram um ambiente cultural propício ao florescimento de ideias e à discussão da arte em Aracaju”.

A concepção artística politizada, que já era característica de Virgínia Lúcia, por exemplo, fortaleceu-se a partir do contato da atriz com Bemvindo Sequeira<sup>11</sup>, durante a oficina de teatro produzida pela SCAS em 1980. É dessa oficina que, segundo Benevides (2015) deriva o Grupo Mambembe. “A princípio o grupo tinha o propósito de estabelecer uma relação dialógica com as comunidades menos favorecidas”. (BENEVIDES, 2015, p. 199). Esse propósito está diretamente relacionado à estética teatral adquirida a partir da formação com Bemvindo Sequeira no curso promovido pela SCAS<sup>12</sup>.

Com o Grupo Mambembe, Virgínia Lúcia participou de mostras em todo o país e apresentou-se também fora dele. Após o término das atividades do grupo, a atriz fundou o IACEMA – Instituto de Artes Cênicas de Aracaju, em 1999, através do qual tem desenvolvido projetos experimentais de inserção da arte na educação popular, abordando temas como saúde, meio ambiente, direitos humanos e estética.

A UFS não precisou da estruturação de uma graduação em Artes Cênicas naquele momento para se tornar, assim como a SCAS, uma referência na cena teatral sergipana. O teatro era aprendido quando os artistas assistiam a outras peças teatrais, palestras ou discussões sobre teatro ou pela participação nas oficinas teatrais promovidas pelo FASC. Segundo Benevides (2015, p. 234) essas oficinas ocorriam no Cultart<sup>13</sup> com a presença de professores de outros estados ou países.

Pelas ações de extensão da UFS, Virgínia Lúcia afirma que dois nomes devem ser ressaltados: o da Prof<sup>a</sup>. Aglaé Fontes e o de Lânia Duarte, que foi diretora do Cultart. Segundo ela,

11 Bemvindo Sequeira (1947), nascido em Minas Gerais, é ator, humorista, autor, diretor e referência do Teatro de Rua no Brasil.

12 Sobre a formação “não formal” em Teatro realizada pela SCAS, BENEVIDES (2015, p. 207) apresenta depoimentos do então gestor cultural da SCAS, Amaral Cavalcante, que detalha as lembranças de acontecimentos ocorridos durante o processo. Para Cavalcante, “o Teatro Livre que Bemvindo trouxe, era um teatro a serviço de causas políticas, [...] a técnica que ele passou para a gente e que aqui somente Virgínia Lúcia aprendeu”. Sobre a oficina promovida pela SCAS, cf. Benevides (2015).

13 Segundo SOUZA (2015, p. 213) “O Centro de Cultura e Arte - CULTART é responsável pelas atividades tanto artísticas quanto culturais, da Universidade Federal de Sergipe”. Situado em um prédio secular na Av. Ivo do Prado, sedia aulas dos cursos de Licenciatura em Dança e Artes Visuais. Abriga a Galeria de Arte Florival Santos e o Teatro Juca Barreto. Consolidou-se ao longo dos anos como um importante espaço para as ações de extensão voltadas para a arte e cultura promovidas pela UFS.



duas mulheres que foram fundamentais. Prof<sup>a</sup>. Aglaé instituiu o Grupo Experimental e o Expressionista, antes do Campus ir para São Cristóvão”. E o Cultart que naquela época já era um espaço considerado por nós atores um grande nicho cultural. (MENEZES, 2020).

A partir de 1980, o Cultart se tornou o Centro de Cultura e Arte da UFS. Conforme Antonioli (2018, p. 198),

Ainda na década de 1970, a UFS criou o Festival de Arte de São Cristóvão, baseado no Festival de Inverno de Ouro Preto, realizado pela Universidade Federal de Minas Gerais. (Souza, 2015, p.2). Surgiram, depois, o Cultart, o Museu do Homem Sergipano, o Museu de Arqueologia de Xingó – MAX, a editora UFS, a rádio UFS, a Orquestra Sinfônica e assim por diante.

Quando falamos em arte em Sergipe, tendemos a reforçar a crença de que estivemos sempre na periferia da produção artística do Brasil e do exterior. Contudo, o conhecimento sobre o que acontecia em eventos como o FASC, ou nas ações de extensão universitária promovidas pela UFS como a capacitação de artistas nos intercâmbios culturais descritos por quem esteve presente naquele momento histórico, contribuem para a quebra dessa concepção deturpada acerca de nossa História da Arte. Observemos a fala de Virgínia Lúcia:

A grande importância do FASC é que ele nos conectava com o mundo. Um universo polissêmico e multifacetado porque nós tivemos acesso a uma literatura do teatro privilegiada. Assistimos a peças de Jean Genet, assistimos ao grupo Vento Forte... Vimos o que acontecia na grande metrópole. Nós tínhamos acesso e a universidade promoveu isso. Nós fizemos intercâmbio em espaços nacionais e internacionais. Nós tivemos acesso a uma produção importante da Itália. A universidade apoiou grupos em intercâmbios culturais, como o grupo “Tá na Rua”. Os grupos eram financiados por Sergipe e pela UFS. (MENEZES, 2020).

A existência dos cursos promovidos pela UFS coloca Sergipe lado a lado com o que acontecia nos grandes centros. “A UFS promovia cursos durante o FASC. Cursos de história do teatro. Fiz curso com Mauricio Carvalheira<sup>14</sup>, com certificado e tudo”. (MENEZES, 2020).

A busca da lembrança, pela atriz é visto por Alberti (1990) como um processo. Este processo é marcado, sempre, pelos recortes e releituras realizadas pelos indivíduos. A entrevista deve ser empregada em inves-

14 Luiz Mauricio Britto Carvalheira nasceu em Recife-PE em 1945, onde morreu em 2012. “Foi ator, professor e teórico. Integrante do Teatro Popular do Nordeste (TPN) e um dos fundadores do Mamulengo Só-Riso”. Verbete disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa517517/luiz-mauricio-carvalheira>>. Acesso em 16/02/2020.



tigações sobre temas mais próximos de nós, eventos ocorridos em um passado não muito remoto que a memória dos seres humanos alcance. O procedimento da entrevista é importante para que possamos cruzar informações, com a narrativa de pessoas que participaram de eventos, sejam como atores ou como testemunhas, que se pretende compreender dentro uma temática.

Quando rememora aquele período, Virgínia Lúcia descreve a atuação da UFS como decisiva para o incremento das artes cênicas no estado de Sergipe e conta que houve bastante estranhamento, por parte de artistas sergipanos, em relação ao fato de o curso de Licenciatura em Arte-Educação<sup>15</sup> ter sido o primeiro estruturado na área de arte da UFS, em vez de uma graduação em Teatro.

Para você ter uma ideia, a UFS foi uma grande mecenas para a artes cênicas sergipanas. O encontro do teatro com o povo não era tão comum e através das ações de extensão a UFS levou o teatro para os bairros, através da Mostra de Artes Cênicas instituída por Aglaé Fontes, que abriu inscrições e recebeu grupos dos bairros e teatro de rua, a exemplo do Imbuauça. A Mostra foi realizada no antigo teatro Maria Clara Machado [situado na Rua de Laranjeiras, hoje Faculdade São Luís de França]. Os grupos de teatro se inscreveram e não se separaram mais da universidade. (MENEZES, 2020).

Na concepção da atriz, as artes visuais<sup>16</sup> (e aqui Virgínia Lúcia se refere ao curso que surgiu como Arte-Educação, sofreu alterações em sua estrutura curricular e uma mudança de denominação, passando a se chamar Licenciatura em Artes Visuais), não eram a prioridade das ações de extensão da UFS. Contudo, isso não quer dizer que a extensão da UFS, no campo cultural, abrangesse apenas o teatro.

Em agosto de 1980, por exemplo, o Prof. Aloísio de Campos assinou uma autorização via portaria para que a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários instalasse no hall da Biblioteca Central, a Galeria de Arte Jordão de Oliveira, em homenagem ao artista homônimo, sergipano, que se tornou referência para a arte nacional, com uma reconhecida produção e relevante atuação como professor da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, que havia falecido em 28 de abril daquele ano. Segundo nota na “Gazeta de Sergipe” de 07 de agosto de 1980,

15 Segundo SEVERO (2017, p.3) “A licenciatura em Arte-Educação da Universidade Federal de Sergipe iniciou suas atividades em 1993, com a autorização de funcionamento concedida em 1992, [...]. Em Sergipe a formação específica para professores de Arte em nível superior, conforme já mencionei, somente inicia com a Licenciatura Plena em Arte-Educação em 1993 na UFS e, também neste ano, com o curso de Educação Artística da Universidade Tiradentes – universidade particular do Estado”.

16 Questão conceitual. Nesta reflexão Virgínia Lúcia entende artes visuais por artes plásticas ou belas-artes. Expressões ou produtos das belas-artes são oriundos de técnicas de manipulação de materiais para a criação de formas bidimensionais ou tridimensionais (pinturas, desenhos, gravuras, esculturas, dentre outros).





A Galeria de Arte Jordão de Oliveira destinar-se-à a exposições de Artes Plásticas, coletivas ou individuais, de bolsistas de Arte e de alunos de cursos livres mantidos pelo Centro de Cultura e Arte da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da UFS. A galeria poderá promover também exposições de artistas sergipanos ou de artistas de outros estados de reconhecido valor. (Gazeta de Sergipe, 07/07/1980, p. 2).

A UFS também abriu suas portas como um espaço de prática cultural, sendo aproveitada para ensaios ou apresentações. Virgínia Lúcia conta que, na época, os artistas se reuniam no espaço da universidade para discutir, estudar, ensaiar, dentre outras atividades, antes mesmo de estar sediada no Campus de São Cristóvão.

No início a gente não tinha onde ensaiar com o Imbuaça e acabava ensaiando no DCE, o Diretório Central dos Estudantes. Isso nos aproximou mais ainda da universidade e também do Diretório. Cheguei a ser diretora de cultura do DCE enquanto estive no curso de direito, que eu abandonei, graças a Deus! Porque eu seria uma advogada muito ruim. Porque eu era artista mesmo e eu queria era fazer arte. Esse trânsito de todos nós no Cultart e no DCE fez brotar em Sergipe um movimento Armorial tardio, que na música sergipana se fez sentir mais e antes, com Joésia Ramos, Bolo de Feira, Cataluzes, Alcides Melo... (MENEZES, 2020).

O movimento Armorial, ao qual Virgínia Lúcia se refere, surgiu nos anos 1970, em Pernambuco, idealizado por Ariano Suassuna, que foi Diretor do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco entre 1969 e 1974, dentre outras tarefas as quais se dedicou no âmbito da cultura. Em seu manifesto, afirmava a missão de exaltar a identidade nordestina e revelar para todo o Brasil uma arte genuinamente brasileira, com erudição popular e contra a influência massificante da cultura norte-americana.

Entendemos que o fato daquele movimento cultural pernambucano ter partido de um responsável pela extensão da UFPE, fez com que Virgínia Lúcia traçasse esse paralelo com as ações de extensão da UFS dos anos 1970. Vivendo sob a Ditadura Militar, artistas sergipanos e nordestinos viam as universidades como espaços de criação e liberdade, onde podiam expressar suas concepções por meio da arte.

Na imprensa sergipana circulavam as notícias sobre as atividades de extensão da UFS. As leituras dos jornais publicados no Estado naquele período revelam uma série de comunicações sobre exposições, shows, programações cinematográficas com lançamentos de filmes, lançamentos de livros e os cursos oferecidos pelo Cultart. Essas informações chegavam de maneira abundante para a sociedade e provocavam a aproximação entre a produção universitária e a comunidade.

Neste sentido, entendemos a UFS como uma forte mediadora cultural<sup>17</sup> cuja atuação não estava restrita aos seus equipamentos culturais, e que ampliou seus espaços de projeção, promovendo a arte para além de seus prédios. Para exemplificar essa conclusão, transcrevemos trecho de anúncio publicado na “Gazeta de Sergipe” de 25 de julho de 1980:

Ontem, na Galeria de Arte Álvaro Santos, foi realizada a abertura da exposição “Expressão e Mutações”, numa promoção do Centro de Cultura e Arte da UFS, através da Coordenação do Programa Bolsa/Trabalho/Arte, SEAC/MEC e Galeria Álvaro Santos. A Amostragem é resultado dos cursos “Estética e Criatividade”, ministrado pelo artista plástico Eurico Luiz aos bolsistas da UFS [...]. (Gazeta de Sergipe, 25/07/1980, p. 7).

Ao refletirmos, é possível perceber que as ações voltadas para a arte, desenvolvidas pela UFS de então, chegavam de fato às diversas camadas sociais. Quando voltamos os olhos para o painel de Jenner Augusto e de posse de toda essa massa histórica que indica possibilidades, inferimos que a sua narrativa visual descreve aquele período. A fala de Virgínia Lúcia corrobora com essa impressão:

Essa obra de Jenner traduz uma extensão também para a periferia. E olhe que quando falo em parte dessa história nós nem éramos estudantes universitários ainda. Mas, naquela época acontecia muita coisa. Tinha cinema com Djaldino [Mota Moreno] fotografia com Jairo Andrade, o Encontro de Poesia Falada com autores e atores... Não era aquela coisa romântica e pueril. Era movimento. Movimento forte mesmo! Tínhamos na universidade um campo de resistência à ditadura, pois a UFS era um espaço de criação onde refletíamos. Um campo livre. (MENEZES, 2020).

Entrevistamos Virgínia Lúcia diante da reprodução do painel. Compreendemos que uma entrevista como uma técnica da História Oral, não precisa ser fechada, com perguntas ou falas que conduzam especificamente à narrativa do entrevistado. Porém, partimos da noção empreendida por Thompson (1998, p. 258) que afirma que “[...] a entrevista completamente livre não pode existir. Apenas para começar, já é preciso estabelecer um contexto social, o objetivo deve ser explicado e pelo menos uma pergunta inicial precisa ser feita”. Isso justifica a nossa ação de estimular as lembranças da entrevistada a partir da pintura.

Enquanto olhava os ícones pintados nas três telas, a atriz rememorava dias passados no teatro sergipano, na UFS, as relações com os colegas de

17 Perrotti & Pieruccini (2014) apresentam uma noção mais ampla de mediação cultural a partir da análise do conceito em diferentes teóricos. Nesse sentido, compreendemos, assim como os autores, que mediação cultural é uma categoria situacional. Entendemos, portanto, a UFS como mediadora cultural por causa do seu papel como produtora, difusora e promotora do acesso à cultura pelas diferentes camadas da sociedade.



arte, os trabalhos feitos, os personagens daquela história... Sua narrativa somada às nossas primárias interpretações do painel de Jenner Augusto, confrontada com as teses que fundamentam a história da UFS daquele período, apontam uma força da Universidade no campo cultural jamais vista neste Estado.

Isso pode ser lido quase na totalidade das entrevistas transcritas por Benevides (2015), nas quais aqueles que falam sobre a UFS, destacam sua importância para o Teatro Sergipano. Também pode ser percebido em textos, consultados para este trabalho, que abordam o FASC, a exemplo de Santos (2015) e Souza (2015). Ousamos afirmar que na atualidade a UFS perdeu seu protagonismo nessa atuação, por inúmeros motivos hipotéticos que não serão aqui expostos, justamente por serem hipotéticos, mas que, para Virgínia Lúcia estão bem definidos. Entendemos o tom nostálgico da atriz, mas não temos elementos teóricos para legitimar a fala, tampouco é esta a nossa intenção neste momento.

Embora hoje existam cursos de licenciatura em várias linguagens da arte, existe também uma internacionalização. A UFS tem muitos professores estrangeiros com diferentes visões e conhecimento de nossa cultura. É outro momento, muito diferente daquele. Ah! É muito diferente! (MENEZES, 2020).

A UFS se consolidou como um espaço de referência para a produção e difusão cultural entre os sergipanos desde a sua fundação. Isso é um fato. Assim como é inegável que a força de suas ações de extensão a colocaram nesse patamar. É essa a percepção formulada por nós a partir das narrativas da atriz que teve sua história/carreira entrelaçada à UFS antes mesmo de ser aluna da instituição.

“Aquele efervescência”, apontada por Virgínia Lúcia, está descrita pelos intelectuais que se dedicaram à escrita da história da UFS. Está publicada nas páginas de inúmeros jornais. Está na representação da sociedade sergipana sobre aquela cidade universitária onde se instrui, se faz ciência, se difunde cultura e se produz arte, assim como pintou Jenner Augusto.

## *Referências*

- ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Contemporânea do Brasil, 1990.
- AMARAL, Lindolfo (org.). **A Construção da Memória – Imbuça 30 anos**. Aracaju: J. Andrade, 2008.
- AUGUSTO, Jenner. **Painel do Hall da Reitoria da Universidade Federal de Sergipe**. Salvador-BA, 1980.
- ANTONIOLLI, Ângelo Roberto. O mundo não anda para trás: aspectos da criação e dos avanços da Universidade Federal de Sergipe. **Revista do IGHS**, n. 48, volume 2, 2018. p. 193-201.



BENEVIDES, Lourdisnete Silva. **Abram-se as cortinas: a história da formação teatral em Aracaju, Sergipe (1960-2000)**. Tese. Doutorado em Educação. PP-GED/UFS, 2015.

BRITTO, Mário & FERNANDES, Zeca. **Jenner Augusto, vida e obra**. Aracaju-SE: Sociedade Semear, 2011.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

CRUZ, José Vieira da. **Artes cênicas e literatura: o Teatro da Cultura Artística de Sergipe**. 2012. Disponível em: <<http://blogdojosevieira.blogspot.com/2012/07/artes-cenicas-e-literatura-o-teatro-da.html>>. Acesso em 25/04/2020.

DANTAS, Beatriz Góis. Felte Bezerra e a fase heróica da Antropologia em Sergipe: 1950-59. **Revista do IGHS**, n. 39, volume 1, 2009. p. 227-258.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**, Lisboa, (1994).

MENEZES, Virginia Lúcia da Fonseca. **Discurso proferido na ocasião do recebimento do Título de Cidadã Sergipana**. Disponível em: <<https://al.se.leg.br/raimundo-venancio-e-virginia-lucia-recebem-titulo-de-cidadania-sergipana/>>. Acesso em: 30/04/2020

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As Universidades e o Regime Militar: cultura política brasileira e modernização autoritária**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. A mediação cultural como categoria autônoma. In: **Revista Informação & Informação**. Londrina, v.19, n. 2, p. 01-22, maio/ago. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/informação>>. Acesso em: 15/02/2020.

PASSOS SUBRINHO, Josué Modesto dos. Apresentação. In: Oliva, Terezinha Alves de; CABRAL, Otávio Luiz & SOARES, Rosane Bezerra. **Uma história em cartaz FASC**. Festival de Arte de São Cristóvão/SE: Editora UFS, 2008.

PEIRCE, Charles Senders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

PONTUAL, Roberto. **Dicionário das Artes Plásticas do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

\_\_\_\_\_. **Jenner: A Arte Moderna na Bahia**. Rio de Janeiro – RJ: Editora Civilização Brasileira, 1974.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

SANTANA, Cléber de Oliveira. **O que a cegueira do tempo fez desaparecer: Fotografia e História da UFS (1968 – 1998)**. São Cristóvão/SE, 2000. Monografia do Curso de História da Universidade Federal de Sergipe.

SANTOS, Mislene Vieira dos. **Da ditadura à democracia: o Festival de Arte de São Cristóvão (FASC) e a política cultural sergipana (1972-1995)**. 2014. 183 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2015.



SOUZA, Eliana. **História e Memória**: Universidade Federal de Sergipe (1968-2012). São Cristóvão: Editora UFS, 2015.

SEVERO, Márjorie Garrido. A memória da formação de professores de Artes Visuais na Universidade Federal de Sergipe e os debates sobre a Base Nacional Comum Curricular. In: 8º ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E 9º FÓRUM PERMANENTE DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL. 2017. **Anais**. Disponível em: <<https://45.65.201.106/index.php/enfope/article/view/5288/1823>>. Acesso em: 15/02/2020.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: História Oral. São Paulo, Paz e Terra, 1998.

### *Artigos de Jornais*

Aloísio esclarece questões universitárias. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 6, 06 de julho de 1980.

Campus Universitário tem painel de Jenner Augusto. **Jornal de Sergipe**, p. 10, 11 de junho de 1980

Exposição. **Gazeta de Sergipe**. Aracaju, p.7, 25 de julho de 1980.

Renúncias, Desmaios e Choros. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 4, 06 de julho de 1980.

UFS cria Galeria Jordão de Oliveira. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, p. 2, 07 de agosto de 1980.

### *Entrevista*

MENEZES, Virginia Lúcia da Fonseca. **Entrevista concedida a Danielle Virginie Santos Guimarães Marinho**. Aracaju-SE, 03 de fevereiro de 2020.

